



Gastão Reis

FHC, LULA E O POVÃO

FHC, em artigo publicado na revista *Interesse Nacional*, faz uma reflexão abalizada sobre o estupor da oposição brasileira diante da terceira vitória petista na disputa presidencial. Não é texto para ser lido *à vol d'oiseau*. É denso e propositivo quanto aos rumos a seguir pela oposição, se quiser chegar lá em 2014. Como é usual, houve uma tentativa de simplificar o que foi dito na base de FHC é contra o povão e a favor da elite. O próprio Lula chegou mesmo a afirmar que era lamentável estudar tanto para acabar ficando contra o povão. Coisa típica de quem, por estudar tão pouco, pensa que o Brasil começou com ele em 2003. Essa falta de estudo também explica por que a política externa de Lula foi tão pífia, justamente quando resolveu alçar voo solo, deixando de lado a cartilha de FHC que sempre seguiu à risca, sem jamais reconhecer, para obter sucesso e popularidade.

Esperteza, mais que inteligência, é a marca registrada de Lula. Há que se reconhecer, entretanto, que ele foi duas vezes maior que o PT para, alçado ao poder, não implementar uma política econômica “original” já tantas vezes tentada pelas esquerdas latinoamericanas com resultados desastrosos, a velha *voodoo economics* cansada de guerras perdidas. Espertamente, ele soube construir sobre as sólidas bases estabelecidas nos 8 anos de FHC. Conseguiu se fazer passar como inventor da roda. Em boa medida, pela incapacidade de a oposição bater duro no triste episódio do mensalão, agora reconhecido como fato jurídico punível pela nossa tardia justiça, e também por ter sido incapaz de trombetear suas conquistas, apropriadas indebitamente pelo PT sob o comando de seu marqueteiro-mor.

Um breve retrospecto deixará claro a falta de visão do PT. Em 2003, uma pergunta feita ao Deputado João Paulo, então recém-eleito presidente da Câmara Federal, sobre o porquê de o PT ter votado sistematicamente contra as reformas tributária e previdenciária, foi respondida na base de que, na época, “não estávamos disputando as reformas, mas o poder”. Quer dizer: o país que aguardasse, pois os interesses do PT vinham em primeiro lugar. Apesar de ter compartilhado dessa visão estreita por muitos anos, Lula se deu conta, por volta de 2002/2003, que iria dar com os burros n’água se seguisse nessa direção.

Bom lembrar que, enquanto estava na oposição, Lula e o PT foram contra o Plano Real, contra a Lei de Responsabilidade Fiscal, contra as privatizações, enfim contra tudo que colocou o país novamente nos eixos. Quando ele, mais que os quadros do PT, viu que a coisa funcionou, foi rápido e rasteiro em tirar uma fotocópia da política econômica tucana e mantê-la no mesmo rumo, assim com aquela sem cerimônia de quem simula marotamente ter inventado a pólvora. Não é preciso relembrar os inúmeros benefícios que o Plano Real trouxe ao país, mas merecem registro em separado os temas da privatização e o binômio elite-povão.

Quanto às privatizações, é preciso não ter uma visão ingênua. O ex-presidente da EMBRAER Maurício Botelho, em palestra na FIRJAN, afirmou que sem o capital estatal a empresa jamais teria se constituído, mas, se não tivesse sido privatizada depois, não teria obtido o êxito fenomenal posterior, hoje reconhecido internacionalmente. O mesmo fenômeno se deu com a Vale do Rio Doce. Os últimos 10 anos sob o comando de Roger Agnelli foram excepcionais a ponto de sua gestão ser comparada a de Jack Welch na GE. O governo nunca coletou tributos em valores tão expressivos. Muito, muito acima do que a Vale repassava em dividendos no passado quando era estatal. O triste prêmio que recebeu foi seu afastamento, coisa que Lula ensaiou, mas não concretizou. Teria sido o alter ego de FHC a lhe recomendar bom senso?

[CONTINUA]

Vamos agora à questão de quem é contra o povão. Qualquer análise desapaixonada do período FHC não poderá deixar de reconhecer o quanto o povão se beneficiou do fim da inflação. O famoso e cruel imposto inflacionário incidia brutalmente sobre quem menos podia pagar, sem falar na cavalgar concentração da renda que ensejou e que era tão nefasta ao povão. A Lei de Responsabilidade Fiscal, ao colocar ordem na casa, também fez com que houvesse critério no uso do dinheiro público, coisa que beneficia diretamente o povão. As privatizações, cujos êxitos são palpáveis, permitiu ao povão, por exemplo, ter acesso a celular e a telefones fixos, coisa que as antigas teles estaduais nos cobravam antecipadamente em 24 parcelas com direito a mais 12 meses de atraso até que o bendito telefone fosse instalado em nossa residência. Pergunta: como rotular FHC de ser contra o povão se seu governo foi o que propiciou o início de todos esses benefícios para os excluídos? Já imaginou, caro leitor, o pesadelo que teria sido um governo Lula eleito em sua primeira ou segunda tentativa de chegar ao poder com aquela plataforma do PT contra tudo que FHC implantou? Quem teria sido, de fato, o antipovão?

Finalmente, uma palavra sobre elite. O drama histórico da república no Brasil, contrariamente ao que se deu sob Pedro II, é que ela não conseguiu montar uma estrutura de poder que permitisse a quem tem compromisso com o interesse público chegar ao governo e utilizá-lo em benefício de todos. Elite, em nossa república sem *res publica*, virou sinônimo de grupo de aproveitadores. Infelizmente, para o bem ou para o mal, elite é sempre copiada. Os companheiros do PT também copiaram o mau exemplo e se locupletaram no mensalão e no aparelhamento do Estado, a chamada “partidocracia”. Lula continua copiando FHC ao convocar seus camaradas a dar atenção ao peso eleitoral da nova classe média, exatamente o que propõe FHC como plataforma da oposição em seu artigo. De mais a mais, o termo povão traduz algo de desconfortável. É como se houvesse dois povos no país: a turma do andar de cima e a do andar de baixo. Ao eliminarmos essa triste discriminação, passaremos a nos referir a nós mesmos como povo, sem diminutivos ou aumentativos. Em reunião sobre a melhor estratégia para defender o parlamentarismo monárquico no plebiscito de 1993, um príncipe brasileiro me chamou a atenção quando usei o termo povão por lhe parecer desrespeitoso. Insistiu para que usássemos a palavra povo. Pensando bem, ele tinha, e tem, razão. Na verdade, estamos deixando de ser povão para ser povo.

Minha identificação: Gastão Reis Rodrigues Pereira

Empresário e economista

E-mail: gastaoreis@smart30.com.br // Cel. 24 9272-8586

Site pessoal: www.smart30.com.br